



TESSITURAS DE UMA REDE COLABORATIVA DE TRABALHO NUMA PESQUISA ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

Amanda Regina Gonçalves
goncalves.amanda@gmail.com¹

Resumo

Este texto apresenta dados e discussões de uma pesquisa no campo do Ensino de Geografia e Cartografia Escolar, realizada por uma rede colaborativa de trabalho, formada por um grupo diversificado de pessoas, integrando universidade e escola. São destacados dois aspectos emergidos na pesquisa ligados ao modo de abordar a realidade escolar numa pesquisa acadêmica: os nós cegos e os bordados. Objetiva-se trazer também contribuições metodológicas para pesquisas em educação que visam desenvolver pesquisa-ação e pesquisa colaborativa no âmbito da formação inicial e continuada de professores de Geografia.

Palavras-chave: Pesquisa Colaborativa, Formação de Professores, Geografia Escolar.

Introdução

Pode-se compreender a Geografia Escolar como um campo de saberes e práticas no contexto do cotidiano escolar, constituído a partir de tessituras de conhecimentos em redes (ALVES; GARCIA, 1999; OLIVEIRA, 2003). Desse ponto de vista, estes saberes e práticas são criações originais da escola e para a escola, que apresentam uma gama variada de origens e de formas de existência. Assim, se temos o propósito de reconhecer as tessituras dos conhecimentos geográficos escolares e desenvolver movimentos do trabalho docente, faz-se necessário considerar os professores como sujeitos do conhecimento e reconhecê-los como pesquisadores/autores na elaboração e desenvolvimento de pesquisas universitárias.

Nessa perspectiva, apreender o movimento do trabalho docente no âmbito de uma pesquisa colaborativa, não se refere a aprender sobre o ensino ou sobre a professora, mas sim o

¹ Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba-MG. O trabalho é resultante da pesquisa de doutorado (GONÇALVES, 2006) e tem impactos na pesquisa em desenvolvimento, da qual atuo como membro participante, sobre a “Formação na universidade contemporânea e (re)produção de conhecimento” (financiada pelo CNPq, Edital Universal, processo 427044/2018-9).

aprendizado da análise do próprio fazer que se dá “com” a professora, compartilhando o espaço da sala de aula, as tarefas, as problemáticas, estudando juntas conteúdos, métodos e questões que interpelam sua profissão; valorizando o conhecimento produzido no âmbito da vida prática.

Neste sentido, traremos dados e discussões de uma pesquisa de doutorado (GONÇALVES, 2006) integrada a um projeto mais amplo (ALMEIDA, 2001a), no qual se reuniu semanalmente, durante dois anos, professores da universidade, professores da rede pública municipal de ensino básico e graduandos em Geografia. O foco do grupo estava no ensino da localidade e no uso do Atlas Municipal Escolar de Rio Claro/SP (ALMEIDA, 2001b) elaborado em projeto anterior com metodologia semelhante (ALMEIDA, 2001a), sendo ambos os projetos desenvolvidos na Universidade Estadual Paulista (UNESP), no município de Rio Claro/SP.

Para a compreensão de uma “realidade que é múltipla, enredada, imprevisível, singular etc.” (OLIVEIRA, 2003, p. 84), lançamos mão de materiais fornecidos pelas práticas reais e aceitamos as práticas comuns como dignas de interesse, de registro e de análise.

A riqueza do material coletado nesta pesquisa nos leva a acreditar que há muitas maneiras para organizar um material dessa natureza. Como estratégia de coleta e análise de dados aqui apresentados, buscamos cruzar os fios tecidos em *entrevistas* realizadas com dois dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental participantes da pesquisa, *registros* de observações de suas *aulas* e da *rede colaborativa de trabalho* (RCT), em *diários de aula* e *narrativas* por eles escritas, relacionando os fazeres dos sujeitos sociais e seus amplos processos de formação.

O processo da pesquisa era retroalimentado pelos registros que alicerçavam as reflexões na ação, ampliadas nas discussões dos encontros da pesquisa. Para tanto, fez-se necessária atenção aos detalhes dos registros, por isso a importância dos registros com uso de gravadores e transcrições cuidadosas de falas literais em contexto de sala de aula e de reuniões de pesquisa, em período prolongado, além da tomada de escritas dos participantes, que, junto das transcrições, eram revisitadas e discutidas nas reuniões da pesquisa.

Neste texto daremos destaque a dois dos muitos aspectos que emergiram do desenvolvimento da pesquisa (GONÇALVES, 2006), cuja seleção se deu por contemplarem o objetivo do presente texto de melhor compreensão de projetos que integram universidade e a escola, em especial, o de discutir a pesquisa colaborativa enquanto possibilidade de



contribuição para a análise de questões educacionais e espaço de produção e formação inicial e continuada de professores.

Os dois aspectos das tessituras da pesquisa que abordamos aqui dizem respeito aos *bordados* e aos *nós cegos* com que podemos nos deparar e no que podemos transformar nossas pesquisas no e do cotidiano. Aspectos advindos, sobretudo, das reflexões das ações retroalimentadas pelos registros e ampliadas nas discussões dos encontros de pesquisa.

Bordados e nós cegos de uma pesquisa no e do cotidiano escolar

Quando admitimos a metáfora da tessitura do conhecimento em rede e uma apreensão sua através de uma pesquisa a respeito do cotidiano, dois primeiros aspectos sobressaíram do mergulho no corpo dos dados coletados. Por um lado, um primeiro mostra que esse *modus* de “ver” e “abordar” a chamada “realidade” nos possibilita captar uma multiplicidade de fios através dos quais os professores tecem suas práticas, por vezes exibindo *bordados* e *ornados* currículos praticados, que por muitas vezes impulsionam avanços na Didática da Geografia, tanto em sala de aula como nas pesquisas acadêmicas que neles se apoiam. Por outro, é possível sobressair também aspectos de *ausências* sobre as quais - quando acrescidas de olhares excessivamente ligados a premissas predefinidas do que pretende-se pesquisar, ou predefinidas em função daquilo que acredita-se já saber - criamos *nós cegos*, que explicaremos a seguir.

Inês de Oliveira, quando aborda a questão dos limites da racionalidade tal como esta é entendida na modernidade e de que a pesquisa no e do cotidiano supõe aceitar a teoria como limite e não como potencialidade nas pesquisas, expressa o termo “nós cegos” da seguinte forma:

criamos, em nossas redes, “nós cegos”, que subtraem dela algo de sua maleabilidade e, portanto, da possibilidade de entrada e articulação de novos fios de saberes ao anteriormente sabido. (...) Fechados em crenças preestabelecidas a respeito do que podemos encontrar em uma determinada realidade pesquisada, estaremos cegos para aquilo que nela é transgressão em relação ao que “já sabemos” (OLIVEIRA, 2003, p. 73).

Há vários exemplos claros do que poderíamos, em passo acelerado, caracterizar como *ausências* nas aulas e que, desconhecendo seu contexto, poderíamos enquadrá-las como “falhas” ou “erros” e cair nos *nós cegos* de uma pesquisa. Por exemplo, concluir como uma falha, a partir somente da observação das aulas, que o professor deixou de falar sobre a função

da legenda, sendo que ela era essencial naquele determinado momento para leitura de um mapa de “Divisão Político-Administrativa”, que estavam estudando na aula observada do professor, sem ouvir do próprio professor que: “Dei legenda pra eles umas semanas anteriores a esta aula, queria ver se eles conseguem ver a área rural, área urbana, os limites políticos, sem eu precisar relembrar eles, pra eu já passar para a questão da população” (fala do professor em reunião da rede colaborativa de trabalho).

Em outra situação, se nos detivermos, entre muitos outros exemplos, à fala introdutória da atividade de “um mapa do caminho de casa até a escola”, captada pelo gravador, em que a professora diz:

*Professora diz aos alunos: Todos vão fazer. É proibido falar não sei.
Vão fazer do jeito que sabe. Cada um faz do jeito que sabe.*

Através de uma perversa tradição interpretativa, poderíamos mostrar como os professores, mesmo com o ensino de temas que trazem o espaço cotidiano dos alunos, “atuam com autoridade, sem devida orientação didática ou que não ensinam corretamente”, partindo do pressuposto da falta de conteúdos científicos da Geografia, já que se pode “fazer um mapa de qualquer jeito”, desconsiderando qualquer necessidade de uma linguagem cartográfica, já que a problemática apontada pela professora aqui “é fazer do jeito que sabe”.

Mas outra recomposição coletiva dos dados da pesquisa pode ser tecida se puxamos outros fios que enredam esta aula, por exemplo, se consideramos, enquanto sujeito coparticipes desse momento, quando ouvimos a professora se dirigindo, por muitas vezes, aos seus alunos com tom encorajador e animador ou, ainda, quando puxamos fios de uma entrevista com a mesma (realizada aproximadamente um ano antes da referida aula) através da qual fizemos emergir suas memórias. Na entrevista disse não gostar de sua professora de primeira série (do atual Ensino Fundamental) da por ser “muito autoritária e não dar liberdade nenhuma aos alunos”, os quais eram “repreendidos se fizessem algo diferente ao que ela pedisse”. Além disso, outras composições de dados sobre aquela aula permitiu identificá-la após uma sequência didática que introduzia conceitos da cartográfica escolar com os alunos.

Caso não estivéssemos munidos dos fios fornecidos pela coparticipação em sala de aula, nem pela entrevista, ainda poderíamos considerar os dados coletados nas reuniões da rede colaborativa de trabalho e nas demais aulas registradas da professora.



Através do cruzamento de ambos os dados pudemos descobrir outros elementos de compreensão dos processos de sua formação e de manifestações de suas identidades docentes, possivelmente condicionantes das possibilidades dessa ação. Por exemplo, em reunião do grupo de pesquisa, quando discutíamos sobre desenhos do “trajeto casa-escola” de seus alunos, a professora revela uma memória que parece incomodá-la, o que ela chama de “marco” em sua vida escolar:

Eu sempre tive dificuldade em desenhar em perspectiva. Eu fiz um desenho diferente do que a professora fazia. A professora, quando viu, rasgou o desenho na minha frente. Isso me marcou tanto, que até hoje eu sinto o cheiro do perfume dela. Foi na minha primeira série, na escola x.

Para evidenciar a rede na qual se imbrica essa prática pedagógica cotidiana, que ora faz emergir seus bordados, ora seus nós cegos, destacamos outros elementos que fazem do currículo praticado algo distante de ser um processo linear e progressivo:

Professora: Vocês vão ter que criar uma legenda diferente para mostrar, indicar a escola. Depois, vocês vão encontrar legendas de outros bairros, que vocês vão ter que fazer uma legenda para o cemitério. Como é que pode ser? Uma cruz. O que mais?

Neste momento, a professora adota modos criativos e emancipatórios em suas práticas, que mostram aquilo que está além do escrito, do legitimado nos mapas dos setores e bairros do Atlas, o qual traz convenções simbólicas para os serviços públicos em suas legendas. Ela não só não puni o que aparecia de diferente, mas valorizava as criações pictóricas das crianças.

Enredados a outros fios, tomamos mais elementos das práticas curriculares que, sob um olhar cego, poderiam ser negligenciados ou tomados como exceção se não aceita a indissociabilidade e amplitude dos processos formativos da professora.

*Aluno: É, o Fulano, ele tem um piercing bem na ponta do biquinho do peito.
Professora: Isso aí é escolha dele. Cada um escolhe o que quer. Mas ele sarou?*

Ao manifestar-se perante um fato que um aluno traz à aula sobre o serviço público de saúde municipal, a professora expõe conhecimentos emancipatórios e desloca o exemplo ao que entende ser prioritário: a saúde do sujeito (*Mas ele sarou?*).

Em outra situação, num ônibus em movimento, durante um Trabalho de Campo sobre os serviços públicos de alguns setores da cidade, sob uma pergunta sobre a localização dos limites entre dois bairros, a professora demonstra representações de saberes partilhados e confere à aluna (da qual parece conhecer suas práticas e espaços cotidianos) a legitimidade da resposta.

Aluno: Aqui é tudo o Jardim Novo ainda, professora?

Professora: Acho que aqui termina o Jardim Novo. Pergunta para a aluna X que ela vem aqui com o pai dela vender gás.

Vamos considerar os indícios acima expostos enxergando a professora, agora, como aluna e mulher, cuja cultura escolar em que se formou diz respeito ao ingresso, conforme entrevista, em 1959 no “rigoroso curso secundário” (e depois na Escola Normal), no conhecido Colégio Estadual e Escola Normal Joaquim Ribeiro, em Rio Claro/SP. Segundo uma pesquisa de Marilena Guedes de Camargo, pouco depois do período em que a professora frequentou esta escola, o então professor de Psicologia e Prática de Ensino da Escola,

começava pelos jornais da cidade, numa prática discursiva, a colocar em xeque a Escola “Ribeiro” perante a vida política da cidade. Os seus artigos eram uma crítica direta às atitudes tomadas por políticos que atacavam os direitos da vida do adolescente (CAMARGO, 2000, p. 42).

Conhecendo um pouco da trajetória de formação da professora por meio de entrevistas e de dados referentes à história da educação que possam contribuir para a compreensão dos processos e modos de formação das identidades dessa professora, são fundamentais para o entendimento dos valores e posicionamentos que marcam os modos específicos dos seus fazeres (OLIVEIRA; ALVES, 2002; OLIVEIRA, 2003) e, portanto, para percebemos o quanto de inovador há em suas práticas que abordam o estudo dos espaços cotidianos.

Considerações finais

Entendemos assim que a ideia de espaço, seja ele o espaço escolar, seja os espaços das demais estruturas sociais, é algo que se constitui cotidianamente, a partir de seu próprio movimento, o que vai exigir do pesquisador do campo do Ensino de Geografia que opta por integrar sua pesquisa com a escola, “a disposição para jogar com suas múltiplas possibilidades,



sempre provisórias e imprevisíveis, e que, por isso mesmo, são infinitamente possíveis de explorar” (TAVEIRA, 2002, p. 129).

Vivendo esse caminho apresentado na pesquisa (GONÇALVES, 2006), consideramos, junto com Oliveira e Alves (2002, p. 73), que “só foi possível captar uma parte desse movimento, pois este só se revela parcialmente”; e ainda, que outros sujeitos, com certeza, descobririam recortes diferenciados e dariam importância a outras tantas questões.

As relações estabelecidas na pesquisa aqui mencionada também tornaram possíveis, tanto aos professores quanto ao pesquisador, o estudo de metodologias e práticas adotadas para o ensino de Geografia, como a apropriação da pesquisa e de reformulações de nossos próprios discursos, perspectivas, interesses e necessidades individuais ou coletivos.

Assim, este texto buscou apresentar como, sob a orientação metodológica escolhida, há um imenso percurso que devemos fazer com cautela diante dos saberes prévios a respeito da realidade escolar em busca dos sentidos múltiplos e enredados currículos praticados e a respeito dos objetivos que norteiam as pesquisas educacionais. Ao mesmo tempo, destaca-se o quanto tal orientação pode auxiliar no encontro com o quanto de inovador há nas pesquisas que integram universidade e escola por meio de redes colaborativas de trabalho.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Integrando universidade e escola por meio de uma pesquisa em colaboração**. 2001. 116 f. Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual Paulista (UNESP)/ Instituto de Biociências. Rio Claro/SP: UNESP, 2001a.

ALMEIDA, Rosângela Doin de (org.). **Atlas Municipal Escolar de Rio Claro/SP: Geográfico, histórico, ambiental**. Rio Claro-SP: FAPESP/Prefeitura Municipal de Rio Claro/UNESP, 2001b. 113p.

ALVES, N.; GARCIA, Regina Leite (org.) **O sentido da escola**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

CAMARGO, Marilena A. J. G. de. **Coisas velhas: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958)**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 239p.

GONÇALVES, Amanda Regina. **Os espaços-tempos cotidianos na geografia escolar: do currículo oficial e do currículo praticado**. Tese (Doutorado/Pós-Graduação em Geografia



Universidade Estadual Paulista (UNESP)/Instituto de Geociências e Ciências Exatas). Rio Claro/SP: UNESP, 2006.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 157p. (Coleção Metodologia e Pesquisa do Cotidiano)

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos praticados**: entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 152 p.

TAVEIRA, Eleonora Barreto. A pesquisa do/no cotidiano e suas múltiplas possibilidades de representação. In: OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. (orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 109-129. (Coleção Metodologia e pesquisa do cotidiano)